



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 06 de fevereiro de 2003.

Dificuldades na suinocultura em 2002 geram incertezas para 2003

*Equipe Suínos Cepea**

A preocupação dos suinocultores e das grandes empresas de suínos e aves das regiões Sul e Sudeste quanto à oferta de milho para este ano é generalizada. Já em relação à soja, as incertezas estão atreladas aos preços negociados na bolsa de Chicago e às oscilações do dólar.

Para 2003, dados preliminares estimam que o Paraná, maior produtor nacional de milho safrinha, aumente sua área cultivada em 19,2% em relação ao ano passado, atingindo cerca de 1,17 milhão de hectares. Além disso, outro indicador positivo é a grande venda de sementes verificada em 2002, chegando a esgotar os estoques de algumas revendas. A soja, por sua vez, deverá garantir uma safra recorde pela ampliação da área de cultivo em todas as regiões produtoras, devendo ultrapassar o volume de 47,5 milhões de toneladas. Além disso, o fator climático tem favorecido, de forma geral, o desenvolvimento de ambas culturas no Brasil, sinalizando um melhor nível de oferta para este ano.

É preciso levar em consideração, contudo, que os produtores de milho deverão comercializar gradativamente sua colheita, devido à expectativa generalizada de que a safra de verão não será suficiente para deprimir os preços, o que permitiria um patamar de preços relativamente elevado durante todo o ano. Além disso, em muitos casos, o milho é cultivado por produtores que também plantam soja. Esses, por sua vez, encontram-se capitalizados pela venda antecipada da soja e também pelos altos preços tanto do milho quanto da soja na última safra.

A ampliação das exportações e a conquista de novos mercados para a carne suína, em tempos de economia mundial desaquecida, são os desafios da suinocultura em 2003. Por outro lado, no mercado interno, os agentes têm a árdua tarefa de alcançar um equilíbrio sustentável entre a rentabilidade do produtor de milho e do suinocultor, sem que um desestime a atividade do outro.

Questão de sobrevivência

O último ano foi um dos piores para a suinocultura brasileira. Os resultados negativos fizeram com que muitos produtores, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais reavaliassem o interesse por se manterem na atividade. A saída de produtores tradicionais e independentes desse mercado pode parecer normal e fato consumado para o mercado. Além desses agentes, também as pequenas e médias indústrias desses estados devem ter o mesmo fim. A consequência desse abandono é o aumento da concentração do mercado nas mãos de grandes empresas, podendo significar alguns prejuízos para os consumidores.

Os sucessivos aumentos nos custos de produção, impulsionados pelo alto preço do milho, do farelo de soja, dos medicamentos e vacinas, causaram um sério aperto financeiro aos produtores. Além

Piracicaba, 06 de fevereiro de 2003.

disso, o preço médio do suíno vivo recebido pelos produtores seguiu no caminho inverso ao dos insumos, aumentando os questionamentos de muitos produtores sobre o futuro nessa atividade.

Os dois principais itens da ração tiveram grandes altas em 2002. Segundo levantamento do Cepea, o preço do milho em Campinas (SP) fechou dezembro com valorização de 219% em relação a janeiro/02; o farelo de soja, por sua vez, aumentou 147%, no rastro da Bolsa de Chicago e da taxa cambial. Já a alta no preço do milho foi justificada pela redução do volume produzido, pela desvalorização cambial e pela recuperação do preço do produto no mercado internacional. **(Figura 1)**

A produção brasileira total de milho na safra 01/02 foi de 35,53 milhões de t, com redução de 16,6% sobre o volume recorde de 42,6 milhões de t colhidas na safra 00/01. Apesar da menor produção, o Brasil exportou, em 2002, um total de 2,66 milhões de toneladas entre janeiro e novembro. As exportações nesses volumes foram inesperadas e incentivadas pela desvalorização cambial. De janeiro a dezembro, o real desvalorizou-se em torno de 55,94%. O pico ocorreu em outubro, às vésperas da eleição, com um dólar valendo R\$ 3,80. As cotações na Bolsa de Chicago decresceram de janeiro a junho, mas a partir de julho entraram em movimento de alta, recuperando-se do ciclo de queda iniciado em 1997.

Com isso, os custos médios de produção de suíno em SP ficaram em torno de R\$ 1,99/kg vivo em nov/02, cerca de 24% superior ao valor desembolsado em dez/01, que era de R\$ 1,60/kg vivo.

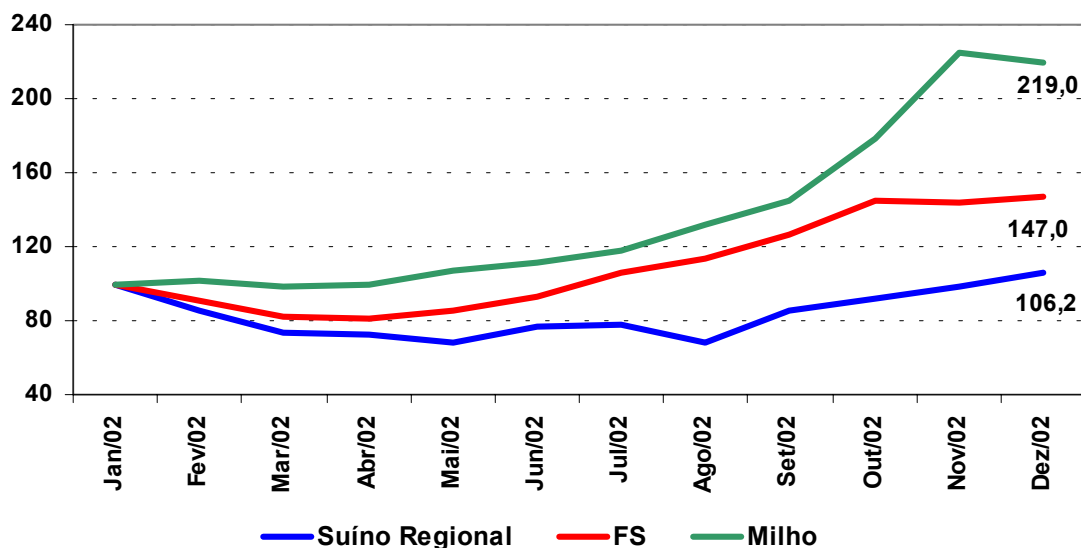


Figura 1- Evolução do preço médio nominal do milho, do farelo de soja e do suíno vivo – Praça Campinas (FOB) – (Base = 100 Janeiro/02).

Fonte: Cepea / Esalq - USP

Piracicaba, 06 de fevereiro de 2003.

A relação de compra de insumos por quilo de carne suína sofreu significativa redução no decorrer de 2002. No primeiro semestre, o produtor comprava, em média, 7,11 kg de milho com um quilo de carne suína ou 3,72 kg de farelo de soja. A partir do semestre seguinte, a relação de troca reduziu 31% para o farelo de soja e 36% para o milho, ficando nos patamares de 2,55 kg ou 4,59 kg, respectivamente, confirmando a crise no setor. Novembro foi o mês de maior dificuldade para criação de suínos, uma vez que a escassez de milho e de farelo de soja provocou altas ainda maiores dos preços desses insumos. **(Figura 2)**

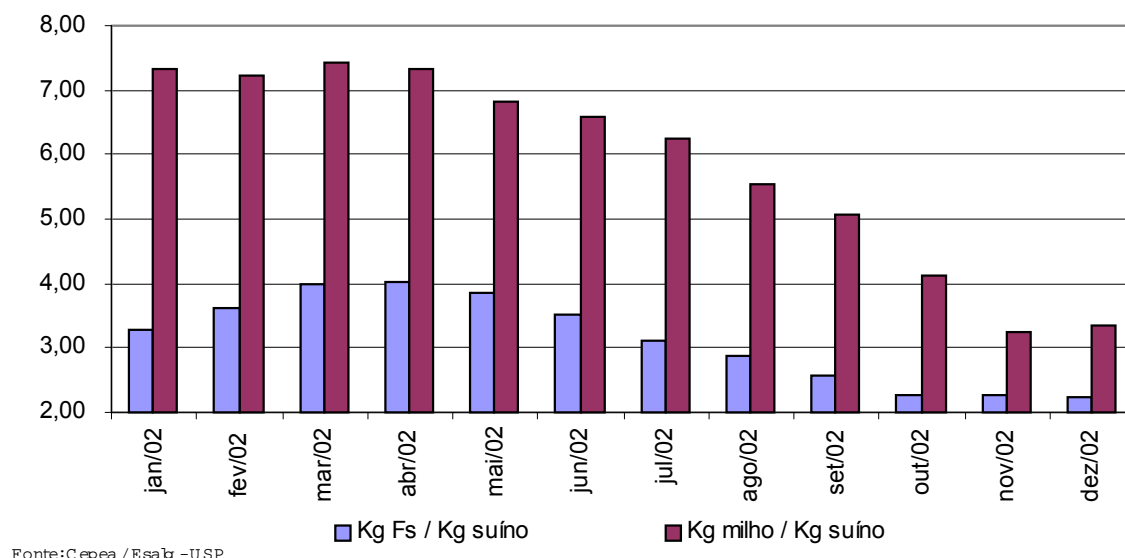


Figura 2- Relação de troca da carne suína em relação ao milho e ao farelo de soja (Jan-dez/02).

Nesse cenário de crise e dificuldade para a permanência na atividade, uma parcela significativa de produtores, especialmente de independentes – ainda não quantificada –, acabou reduzindo o número de matrizes, especializando-se em uma fase de criação ou, em casos extremos, abandonando a criação de suínos.

Para os integrados, o ano de 2002 também foi difícil. Aqueles com contratos de parceria, ou seja, com fornecimento total dos insumos por parte da agroindústria, conseguiram sustentar alguma margem. Já outros, que se encarregam da compra de alguns dos insumos – como milho, farelo ou medicamentos –, enfrentaram dificuldades semelhantes às dos produtores independentes, que precisam se virar de forma autônoma para a compra desses insumos tendo à sua frente preços pré-fixados pelo animal terminado. No

Piracicaba, 06 de fevereiro de 2003.

último ano, por exemplo, apesar das altas expressivas dos insumos, o preço recebido pelos integrados ficou estagnado entre maio e setembro a R\$ 1,12/kg mais tipificação de carcaça.

Em meio aos obstáculos da suinocultura, o governo federal adotou uma medida paliativa, na tentativa de reter matrizes na granja, disponibilizando para os produtores uma linha de financiamento de R\$ 100 milhões, com juro de 8,75% ao ano e limite de R\$ 60 mil por produtor, com prazo de pagamento de dois anos. Contudo, um número bastante pequeno de criadores utilizou desse recurso.

Novos mercados

Com a taxa de câmbio favorável à exportação e à expansão do rebanho nacional de suíno, o Brasil partiu para uma estratégia ofensiva no mercado externo, buscando novos parceiros comerciais para contrabalançar o excedente interno. A suinocultura brasileira, em curto prazo, mostrou-se extremamente competitiva em nível mundial. Entre janeiro e novembro de 2002, a receita gerada foi de US\$ 434.438.401, perfazendo um volume de 411.189 t. Já o preço por tonelada, nesse período, em média, ficou em US\$ 1.084,97, com queda de 23,2% sobre a média do ano anterior.

A incorporação da Rússia como principal comprador de carne suína e os números recordes das exportações permitiram ao Brasil sair da 12ª para a 4ª posição no ranking dos maiores exportadores de carne suína. Responsáveis por 80% do total das importações desse produto, os russos compraram 346.877 t, gerando US\$ 349.956.327 de receitas ao Brasil, segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior). Atualmente, as exportações brasileiras para a Rússia concentram-se em carcaças congeladas, sendo que naquele país a maior quantidade dessas carcaças é processada pelos frigoríficos locais.

O restante das exportações divide-se entre Hong Kong (11%), Uruguai e Argentina (9% juntos). Esses números refletem a significativa concentração das exportações brasileiras para a Rússia, o que torna o país mais vulnerável a eventuais choques na economia ou à restrição comercial dos parceiros econômicos.

Participação da Rússia nas exportações brasileiras de carne suína e derivados

Itens exportados	Kg	Receita
Carcaças e meias-carcaças de suíno, frescas ou refriger.	4,66%	4,68%
Outras carnes de suíno, frescas ou refrigeradas	0,13%	0,09%
Carcaças e meias-carcaças de suíno, congeladas	50,19%	40,52%
Pernas, pás e pedaços não desossados de suíno, congelados	1,78%	1,89%
Outras carnes de suíno, congeladas	39,69%	51,61%
Fígados de suíno, congelados	0,69%	0,19%
Outras miudezas comestíveis de suíno, congeladas	1,31%	0,62%
Toucinho sem partes magras, fresco/refrigerado/congelado	1,54%	0,40%
Gordura de porco, fresca, refrigerada ou congelada	0,01%	0,00%

Fonte: Mdic – SECEX (jan-nov/02)



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 06 de fevereiro de 2003.

No início de dezembro/02, com o Sul retomando o status de área livre de aftosa, os exportadores de carne suína voltaram-se para a China, maior mercado consumidor de carne de porco no mundo. O mercado chinês importaria cortes de carne suína e de frango de menor valor agregado - pés e asas. Outros mercados-alvo do Brasil seriam a África do Sul, Cingapura, Filipinas, Japão, União Européia, México e Chile.

Enquanto o Brasil busca novos mercados para a carne suína, contudo, a Rússia suspende a importação desse produto vindo de SC, com a alegação de que rebanho suíno do estado teria o vírus Aujeszky.

O número de animais doentes representava menos de 1% do total do rebanho do estado, sendo que o vírus Aujeszky está na lista B da OIE (Organização Internacional de Epizootias), o que não impede o consumo humano. Os produtores catarinenses, por outro lado, já vinham trabalhando na erradicação total do vírus no estado.

Equipe Suínos Cepea:

Sergio De Zen, Mauro Osaki, Ivelise R. Bragatto, Rinaldo San Jorge Neto e Sofia K. Iba.

Outras informações podem ser obtidas através do Laboratório de Informação do Cepea, com Ana Paula Silva – fones: 19-3429-8837 / 8836 ou cepea@esalq.usp.br.